

VALORES METADISCURSIVOS NAS ANÁFORAS REATEGORIZADORAS EM TEXTOS DISSERTATIVOS

Maria da Graça dos Santos FARIA⁷

Mariza Angélica Paiva BRITO⁸

Resumo: Neste trabalho, propomos investigar as manifestações metadiscursivas em textos dissertativos de vestibulandos no intuito de analisar o uso de expressões referenciais como marcadores metadiscursivos, especialmente as anáforas recategorizadoras na construção dos argumentos. As principais bases teóricas que fundamentam esta pesquisa são as noções de metadiscorso interpessoal, de Hyland (2005), e os estudos de referenciação de Cavalcante (2011).

Palavras-chave: Metadiscorso. Referenciação. Recategorização.

Abstract: *It is the goal of this paper to investigate the metadiscursive manifestations in dissertative texts written by the national exam candidates in order to analyze the use of referential expressions as metadiscursive markers, particularly concerning recategorization anaphoric processes in argument construction. The main theoretical foundations used as the basis of this research are the notions of Hyland's (2005) interpersonal metadiscourse and Cavalcante's (2011) studies of referentiation.*

Keywords: *Metadiscourse. Referentiation. Recategorization.*

Introdução

Este trabalho pretende relacionar a noção de metadiscorso interacional (Hyland, 2005), que contempla as dimensões de posicionamento e engajamento, com a noção de referenciação (Cavalcante, 2011), em especial, as anáforas recategorizadoras, em uma específica circunstância comunicativa - a dissertação de vestibular – para destacar que ambos os postulados (metadiscorso e referenciação), dentro de suas singularidades, são estratégias que servem para a construção argumentativa textual.

⁷ Professora da UFMA, membro do Grupo de Pesquisa PROTEXTO/UFC e Doutoranda em Linguística pelo Dinter: UFC/UFMA. E-mail: gracafaria@hotmail.com

⁸ Doutora em Linguística pela UFC, pesquisadora do Grupo de Pesquisa PROTEXTO/UFC e Pós-Doutoranda CAPES/PNPD. E-mail: marizabrito02@gmail.com

Focalizaremos, nesta apresentação, a noção de metadiscursividade na perspectiva da Linguística Aplicada pela estreita relação que estabelece com a construção da argumentatividade e os tipos de estratégias metadiscursivas que envolvem os processos de referenciação, sobretudo as anafóricas que se recategorizam, colaborando para a eficácia argumentativa e para a negociação da construção de objetos de discurso.

Para Hyland (2005), o metadiscorso interacional contempla aspectos do texto que de forma explícita organizam o discurso escrito do ponto de vista do enunciador, visando ao conteúdo do texto e do coenunciador.

O metadiscorso, nessa concepção, é entendido como um conjunto de estratégias por meio das quais os enunciadores se projetam no texto marcando seus propósitos comunicativos, posicionando-se tanto em relação ao conteúdo quanto em relação ao seu leitor.

Nosso propósito é acrescentar aos estudos de metadiscorso algumas observações sobre o uso de expressões referenciais como marca de estratégias de posicionamento e de engajamento.

O estudo das expressões referenciais tomou um novo caminho a partir dos pressupostos teóricos denominados de referenciação. Por essa perspectiva, os referentes textuais não são representações apenas marcadas por operadores formais. A interação entre enunciador e coenunciador acontece dentro do processo dinâmico discursivo que deve ser entendido como uma relação cognitiva e social.

Nesse sentido, os operadores metadiscursivos e os processos referenciais são estratégias argumentativas que marcam o comprometimento do enunciador em busca da adesão de um coenunciador.

Pode-se, ainda, dizer que as expressões referenciais têm função argumentativa valiosa nos contextos discursivos, e a decisão de escolher formas diferentes de expressão demonstra que as anáforas são excelentes meios de marcar pontos de vista do enunciador.

Essa relação entre metadiscorso e referenciação será analisada em uma redação dissertativa de vestibular realizada em 2009, na Universidade Federal do Maranhão. O tema foi proposto sob a forma de pergunta para que o candidato manifestasse sua opinião sobre a possibilidade da desmistificação do bandido para reinstalação da ordem no país.

Metadiscurso interacional

Hyland (2005) propõe um modelo de interação no discurso acadêmico, por considerar que os acadêmicos usam a linguagem para reconhecer, construir e negociar relações sociais. O autor afirma que “[...] todo texto acadêmico bem-sucedido mostra o entendimento do escritor tanto sobre seus leitores quanto sobre suas consequências”⁹ (HYLAND, 2005, p.174, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o autor defende a ideia de que os membros da comunidade discursiva acadêmica só reconhecerão como válidas e efetivas certas formas de argumento e, assim sendo, os escritores tentam apresentar seus resultados e interpretações dos dados de maneira persuasiva, expressando seus **posicionamentos** e **engajando** sua audiência. Por isso a avaliação (ou metadiscurso) é fundamental para ganhar credibilidade dos colegas através de escolhas retóricas.

A metadiscursividade, assim, potencialmente presente em qualquer manifestação textual, ganha um destaque particular pelo fato de promover a manifestação de fatores enunciativos na estruturação do texto. O metadiscurso é sempre marcado. Nessa marcação, estão presentes procedimentos verbais de natureza variada, desde fatos comuns da língua a construções referenciadoras de um processo linguístico, textual e interativo ao mesmo tempo.

Esse olhar sobre o metadiscurso legitima-se no pressuposto de que todo texto tem finalidade argumentativa e, dessa forma, supõe uma interação entre escritor e leitor, o que já impede que apenas textos acadêmicos busquem a persuasão e desejem merecer crédito em seus argumentos.

Foi por se dar conta da supremacia do aspecto interacional (pragmático – discursivo) em relação ao textual (forma) que Hyland (2005) propôs um modelo que privilegia o metadiscurso interpessoal. Como parâmetros de análise, o autor sugere que se considere tanto o posicionamento (*stance*), como o engajamento (*engagement*), como as duas categorias maiores de análise da metadiscursividade, do ponto de vista retórico, fornecendo, assim, um modo abrangente e integrado de examinar os meios pelos quais a interação se torna mais eficaz a partir de uma argumentação mais elaborada.

⁹ Tradução da citação “*Put succinctly, every successful academic text displays the writer’s awareness of both its readers and its consequences*” (HYLAND, 2005, p.174).

Posicionamento é a dimensão que expressa as atitudes do escritor, o modo como ele se apresenta no discurso, como constrói seus julgamentos, opiniões e comprometimentos, para demonstrar sua autoridade no meio. Fazem parte desta categoria: **atenuadores, intensificadores, marcadores de atitude e automenção.**

Atenuadores são recursos como *possível, pode, talvez*. Expressam, portanto, a imprecisão e a dúvida. É uma estratégia que confere modéstia ao posicionamento e deferência às visões dos colegas.

Intensificadores são elementos apelativos que se opõem à atenuação por expressarem certeza, convicção e firmeza, por meio de palavras como *claramente, obviamente, demonstrar*.

Marcadores de atitude indicam a atitude afetiva do escritor ante as proposições, transmitindo surpresa, concordância, importância, frustração. Exemplos: *concordar, preferir, infelizmente, apropriado, observável*.

Automenção indica a presença ou a ausência de uma referência explícita ao autor do texto. É assinalada pelo uso de pronomes pessoais de primeira pessoa, por pronomes possessivos. Ao empregá-los, o escritor não pode evitar projetar suas impressões no texto em relação a seus argumentos e a seus leitores.

Paralelamente à dimensão de Posicionamento, Hyland descreve a de **Engajamento**, a qual é a dimensão de alinhamento, pela qual o escritor reconhece a presença dos leitores, invocando-os ao longo da argumentação, focalizando sua atenção, (re)conhecimentos e incertezas, de maneira a guiar suas interpretações. Fazem parte desta categoria: **pronomes do leitor, apartes pessoais, apelo ao conhecimento compartilhado, diretivas e perguntas**. Descreveremos cada uma delas a seguir.

a) **Pronomes do leitor** – em vez de no discurso acadêmico serem usadas as formas de segunda pessoa (*te, tu*) ou de terceira (*você*) para trazer mais explicitamente o leitor para dentro do texto, costuma-se utilizar o *nós* inclusivo.

b) **Apartes pessoais** – expressam a vontade do escritor de intervir explicitamente, interrompendo o argumento para oferecer um comentário sobre o que está sendo dito. É uma estratégia de orientação do leitor, ao mesmo tempo, pois permite ao escritor responder a uma audiência ativa. É, portanto, amplamente interpessoal.

c) **Conhecimento compartilhado** - esta noção de compartilhamento é frequentemente invocada para contestar ideias dentro da argumentação do escritor. Fazendo isso, o escritor pressupõe que o leitor sustenta certas crenças e detém certos

conhecimentos teóricos e metodológicos. Exemplos: “Evidentemente, sabemos que...”, “esta tendência obviamente reflete...”, “mais conhecido como...”

d) **Diretivas** - orientam o leitor a realizar uma ação ou a observar algo de um modo particular. São marcados principalmente pelo imperativo, como *considere-se*, *nota-se*, *observa-se*. Mas também podem ser representados por modalizadores deônticos, como: *deve*, *tem que*, *necessariamente*, e por expressões do tipo *é importante compreender...*

e) **Perguntas** - representam os marcadores interpessoais por excelência, porque convidam o leitor a se engajar diretamente. Elas despertam o interesse do leitor, porque parece que o escritor fala de igual para igual.

Para Hyland (2005), “o metadiscorso é a manifestação linguística e retórica do autor no texto para organizar o discurso”. Dessa forma, pode-se considerar que toda estratégia metadiscursiva é argumentativa. Do mesmo modo, podemos afirmar que toda escolha de modos de designar referente supõe, também, uma finalidade argumentativa. Nesse sentido, todo emprego de expressão referencial é argumentativo e, ao mesmo tempo, metadiscursivo, embora esta última consideração não seja dita explicitamente por Hyland.

Processos de referenciação

O sentido é um efeito da enunciação, assim a referência é considerada a partir da atividade no interior do discurso. Esses referentes são introduzidos, identificados, retomados e se modificam à medida que o discurso se constrói.

Desse modo, “toda entidade referida é construída sob a pressuposição de que de algum modo vai se tornar acessível na interação” (CAVALCANTE, 2011, p.89).

A referenciação é um processo de atividades cognitivas e sociais que se estabelecem no momento da interação, de maneira que nenhuma expressão pode ser dada como *referencial, a priori* – ela se configura no uso e pelo uso.

As expressões referenciais têm função argumentativa valiosa nos contextos discursivos, e a decisão de escolher formas diferentes de expressão demonstra que as anáforas são fabulosos meios de marcar pontos de vista do enunciador.

Nesse sentido, as estratégias metadiscursivas realizadas por meio de expressões referenciais constituem, evidentemente, estratégias argumentativas que marcam o comprometimento do enunciador em busca da adesão de um coenunciador.

Em outras palavras, não se deve considerar a investigação de ocorrências referenciais apenas como retomadas textuais. Assim, atualmente, a proposta de referenciação se enquadra na nova tendência da linguística de texto, que, de acordo com Cavalcante (2005), prioriza aspectos pragmáticos e discursivos envolvidos em situações comunicativas.

Assim, diferentes elementos orientam o acesso às referências que circulam no discurso, tais como: pistas linguístico-discursivas e conhecimento compartilhado. Assim, os procedimentos metadiscursivos são responsáveis pelas direções às quais os locutores se ajustam para a significação pretendida. Estamos partindo da hipótese de que esses procedimentos podem também se somar aos valores referenciais.

Os processos referenciais, segundo Cavalcante (2011), se dividem em duas possibilidades. Se as entidades são introduzidas no texto pela primeira vez, isto é, se elas ainda não foram citadas antes no texto, estamos diante de ocorrências de introdução referencial. Se os referentes já foram de algum modo evocados por pistas explícitas no cotexto, então, estamos em presença de anáforas.

Para Cavalcante (2004), ocorre uma anáfora “quando uma expressão referencial – chamada de *anafórica* - é utilizada ou para retomar um referente, total ou parcialmente, ou para simplesmente remeter a ele por meio de uma associação”.

Para Marcuschi (2005), anáforas são expressões que se referem textualmente a outras expressões, enunciados, conteúdo ou contextos textuais. Isto significa que a anáfora pode remeter a uma expressão referencial anterior ou posterior no texto. Não seguiremos à risca tal concepção, porque estamos aceitando a ideia que vem sendo postulada por Apothéloz (2003) e por Cavalcante (2011) de que a referenciação se constrói discursivamente e, para isso, nem sempre é necessário que ela se explicita por uma expressão referencial.

As anáforas, segundo Cavalcante (2004), se dividem em diretas, indiretas e encapsuladoras. As **diretas** são aquelas que se retomam um mesmo referente já introduzido no texto/discurso. As **indiretas** remetem a algum elemento fornecido pelo cotexto, trazendo novos referentes ao discurso, e justamente nesse segundo tipo elas coincidem, em parte, com as introduções referenciais. A diferença é que as introduções

referenciais apresentam realmente um referente novo, ao passo que as anáforas indiretas retomam (exatamente por isso é que são anáforas) um referente que já foi introduzido de algum modo e é associável a determinadas pistas fornecidas pelo contexto.

As anáforas **encapsuladoras** são consideradas por Cavalcante (2011) meio diretas, meio indiretas. Diretas porque se referem a informações já mencionadas, e indiretas porque tomariam como base o que já foi mencionado e trariam uma expressão referencial nova.

Vale lembrar que os processos referenciais podem, ainda, operar uma recategorização dos objetos de discurso. Essa recategorização pode ocorrer em qualquer processo referencial.

Assim, a introdução referencial, os dêiticos e as anáforas (direta, indireta e encapsuladora) podem ser recategorizadas. Porém, na análise de texto desta pesquisa, trataremos apenas das anáforas que forem recategorizadoras.

Recategorização

O processo de recategorização, na perspectiva das expressões referenciais, é entendido como uma possibilidade a mais para as retomadas anafóricas correferenciais. Isto porque se considera que só pode ser recategorizado um referente que já foi anteriormente categorizado.

Por outro lado, essa perspectiva pode ser ampliada quando se considera que a recategorização é também um fenômeno cognitivo-discursivo. Afinal referente é uma entidade que se constrói mentalmente, é uma realidade abstrata, portanto, imaterial.

Além disso, o modo como o enunciador constrói os referentes de um texto e como seu coenunciador elabora esses referentes não é o mesmo em toda situação comunicativa. Em outras palavras, o ato de referir é uma ação conjunta.

Assim, o fato de se escolher o que se diz, a adequação do que se diz e a quem se diz, o propósito comunicativo, a situação comunicativa refletem as estratégias usadas para marcar ponto de vista num enunciado. Não é somente por meio de expressão referencial manifestada explicitamente que se pode construir e reconstruir referentes: um conjunto de pistas textuais e o conhecimento compartilhado ajudam os participantes de uma enunciação a dar sentido e referência ao texto.

Assim, o processo de continuidade, de progressão textual e a construção de novos argumentos são propiciados por anáforas recategorizadoras. E não faz diferença que essas anáforas sejam correferenciais (diretas) ou não correferenciais (indiretas), ou encapsuladoras.

A recategorização é, nessa perspectiva cognitivo-discursiva, um processo que pode perpassar todas as anáforas.

Elegemos esse fenômeno da recategorização anafórica por ser ele, a nosso ver, o que mais propicia a indicação do posicionamento do enunciador e a sua tentativa de engajar o coenunciador em seu projeto de dizer.

Análise de dados

Como dissemos anteriormente, este trabalho toma como exemplo uma redação retirada de um conjunto de redações dissertativo-argumentativas de vestibular da Universidade Federal do Maranhão para a análise das marcas referenciais de metadiscursividade. A dissertação abaixo será, pois, analisada a partir do conceito de Hyland (2005) sobre metadiscorso interacional, que contempla as dimensões de posicionamento e engajamento, e incidirá sobre a verificação da metadiscursividade de anáforas recategorizadoras.

Desmistificando a figura do bandido – garantia de ordem

Para se desmistificar algo, é preciso que se entenda o sentido da palavra mistificar. Tal palavra vem do vocábulo mito, que segundo os gregos é uma narrativa para se explicar a origem das coisas e acontecimentos. E dar uma explicação superficial a um fato ou evento. Portanto, pode-se dizer que mistificar um bandido é ver apenas o que ele aparenta ser, sem considerar as causas que o levaram a tal posição, seu estado psicológico ou o meio no qual ele foi formado.

Desmistificar a figura do bandido é considerar o significado do que é ser bandido. Numa sociedade cujas condutas humanas devem se pautar na lei, em sentido amplo, ser bandido é estar à margem da lei. É ser um lesionador dos direitos humanos, principalmente dos direitos fundamentais: igualdade, liberdade e fraternidade, que ganharam esse status na tão propagada Revolução Francesa.

Seguindo essa linha de raciocínio, constata-se que o bandido não é só aquele que vive lá no morro, na favela, ou na periferia, cujas roupas o denunciam logo – mesmo que ele não seja – nem somente aqueles que assaltam, à mão-armada, o cidadão de bem, entre outros exemplos. Mas constitui-se bandido todo aquele que pensando somente em seus interesses agride e lesiona o outro, física, social ou moralmente.

Nesse sentido, faz-se mister afirmar que existem diversas categorias de bandidos: existem os assumidos (bandidos declarados), os que acham que são “mocinhos” (policiais, políticos e empresários corruptos), e os patológicos (que foram conduzidos ao crime devido a condições desumanas em que se desenvolveram). E haja prisão para tanto bandido!

Assim sendo, não há a possibilidade de reinstalação da ordem no país com a desmistificação da figura do bandido, simplesmente porque ela nunca foi instalada. A nossa luta é pela

instalação real e concreta dessa ordem através de condutas humanitárias e uma educação baseada em valores e princípios éticos.

QUADRO ESPECÍFICO DO MODELO INTERACIONAL DE POSICIONAMENTO			
REDAÇÃO			
Atenuador	Intensificador	Marcador de atitude	Automenção
Pode-se dizer	Faz-se mister Simplesmente tal	Simplesmente, tal, bandido, lesionador, superficial, real, concreta, mocinhos, patológicos	Nossa luta

Quadro 1: Modelo do quadro específico do modelo interacional de posicionamento de Hyland (2005)

QUADRO ESPECÍFICO DO MODELO INTERACIONAL DE ENGAJAMENTO				
REDAÇÃO				
Pronomes do leitor	Apartes pessoais	Diretivas	Perguntas	Conhecimento compartilhado
Ele, o	E haja prisão para tanto bandido!	Faz-se mister É preciso		O sentido da palavra mistificar. A propagada revolução francesa os direitos fundamentais. A instalação da ordem no país por meio de condutas humanitárias e da educação.

Quadro 2: Modelo do quadro interacional de engajamento de Hyland (2005)

QUADRO ESPECÍFICO DA REFERENCIAÇÃO
Anáforas recategorizadoras
bandido, lesionador, mocinhos, patológicos, esse status, essa linha de raciocínio, ele, aqueles

Quadro 3: Fonte Graça Faria

Os quadros acima mostram que alguns operadores metadiscursivos se sobrepõem, assim como também são utilizados como anáforas. Em geral, as anáforas recategorizadoras servem também como operadores metadiscursivos de conhecimento compartilhado (engajamento) e ao mesmo tempo em que as anáforas são marcadores de atitude (posicionamento). Veja os trechos destacados:

“Numa sociedade cujas condutas humanas devem se pautar na lei, em sentido amplo, **ser bandido** é estar à margem da lei. É um **lesionador** dos direitos humanos, principalmente dos direitos fundamentais: igualdade, liberdade e fraternidade que ganharam **esse status** na tão propagada **Revolução Francesa**.

Seguindo essa linha de raciocínio, constata-se que o bandido não é só **aquele** que vive lá no morro, na favela, ou na periferia, cujas roupas **o** denunciam logo – mesmo que **ele** não seja – nem somente **aqueles** que assaltam a mão armada o cidadão de bem, entre outros exemplos.”

A anáfora recategorizadora renomeia o referente já introduzido de algum modo, marcando uma atitude pessoal (posicionamento) e, com isso, convoca o conhecimento compartilhado (engajamento). De acordo com o trecho, a expressão **lesionador** renomeia o já dito “bandido” (que já é nomeado para aqueles que vivem à margem da sociedade). Naquele caso, infere-se que o enunciador se confronta com a banalidade da palavra tornada senso comum (um argumento) e luta com a língua inventando uma palavra que possa dizer o que a outra não diz mais.

Assim, essa recategorização possibilita a argumentação e ainda marca o posicionamento do enunciador ao mesmo tempo em que busca engajar o coenunciador.

Outra anáfora recategorizadora é **esse status**. **Mais** do que dêitico textual, é uma anáfora direta recategorizadora que renomeia os direitos humanos fundamentais: liberdade, igualdade e fraternidade. E é também, conforme estamos demonstrando, um operador metadiscursivo que constitui um marcador de atitude, acrescentando, ainda, um argumento, ao indicar que a realidade não corresponde a esses ideais.

Nesse sentido, **segundo essa linha de raciocínio** é também uma anáfora recategorizadora, já que se refere a explicar o que é “ser bandido”. E mesmo os pronomes **ele** e **aqueles** se referem ao já mencionado “bandidos”, que agora são renomeados por pronomes.

Considerações finais

Esta pesquisa nos fez constatar que a classificação de marcadores metadiscursivos não pode ser definida *a priori*, pois os recursos usados pelo enunciador para posicionar-se discursivamente e para buscar a adesão do leitor na orientação argumentativa desejada dependem de várias condições contextuais.

Ainda que haja formas metadiscursivas previsíveis na língua, como os marcadores de automenção e pronomes do leitor, visto que estes se manifestam por meio dos dêiticos pessoais, e considerando que é também previsível haver algumas formas de atenuadores e intensificadores (modalizadores da língua), os demais tipos não podem ser assim determinados.

Isso justifica o fato de termos observado a sobreposição dos operadores de posicionamento e de engajamento numa mesma expressão, além de termos localizado frequentes situações em que esses operadores metadiscursivos também estavam marcados nos processos de referência, como as anáforas.

Esta pesquisa oferece, também, dados para que os produtores de texto possam compreender que o simples uso dos elementos linguísticos (operadores metadiscursivos e processos de referência) não são suficientes para construir um posicionamento e um engajamento através da linguagem que possam sustentar a consistência argumentativa. O uso deve ir mais profundamente ao emprego determinado por uma atitude que leve em consideração o contexto diante do qual o enunciador é convocado a se posicionar.

É verdade que não se pode afirmar que exista uma relação direta entre os marcadores metadiscursivos e os processos de referência. Mas é possível afirmar que a seleção das estratégias metadiscursivas e a elaboração de referentes através de anáforas recategorizadoras interferem na introdução de argumentos na construção argumentativa.

Referências

- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora da dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULA, Alena (Orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p.53-54.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Processos de referenciação: uma revisão classificatória. In: CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza A. (Orgs). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Quatro Comunicação. 2004. 19 p.
- _____. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I. V., MORATO, E. M., BENTES, A.C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p.125-149.
- _____. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- HYLAND, K. Persuasion and context: The pragmatics of academic metadiscourse. In: **Journal of Pragmatics**, Hongkong, nº 30, 1998, p. 437-455.
- _____. Stance and engagement: a model of Interaction in Academic Discourse. In: **Discourse Studies**. Sage publications, 2005.
- MARCHUSCHI, Luis Antônio. **Gêneros textuais**: o que são e como se constituem. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.